

## **A ATUALIDADE DE PAULO FREIRE FRENTE À DICOTOMIA: escola sem partido x escola sem mordação**

Carlos Alberto Amorim de Sousa Andrade<sup>1</sup>  
Elayne Cristina Machado de Araújo Santana<sup>2</sup>

### **Resumo:**

Este artigo pretende contribuir para o debate acerca da atualidade de Paulo Freire, com enfoque nas suas contribuições para o campo da práxis libertadora, sobretudo diante do cenário atual que reflete a busca pela manutenção da estrutura dominante e marcada por ataques à memória e legado de Paulo Freire. O país atravessa um período extremamente difícil na democracia brasileira, onde impera a ameaça, dentre outras, de instituição do modelo de “Escola Sem Partido”, a qual não permite a formação de uma consciência crítica pelos alunos. Em contraposição, surge o movimento da “Escola Sem Mordação”. O artigo pretende estabelecer a contraposição entre esses dois movimentos, pensando o movimento “Escola Sem Mordação” como a estratégia atual para manter viva a esperança de releitura do legada da Pedagogia de Freire.

**Palavras-chave:** Paulo Freire; Escola sem partido; Escola sem mordação.

### **Abstract:**

This article aims to contribute to the debate on the relevance of Paulo Freire today, focusing on his contributions to the field of liberating praxis, especially in the current scenario that reflects the pursuit of maintaining the dominant structure, marked by attacks on the memory and legacy of Paulo Freire. The country is going through an extremely challenging period in Brazilian democracy, where threats, among others, to the establishment of the "School Without Party" model prevail, which does not allow for the formation of critical consciousness among students. In contrast, the "School Without Censorship" movement emerges. The article aims to establish a juxtaposition between these two movements, considering the "School Without Censorship" movement as the current strategy to keep alive the hope of reinterpreting the legacy of Freire's Pedagogy.

**Keywords:** Paulo Freire; Escola sem partido; Escola sem mordação.

---

<sup>1</sup> Advogado. Mestrando em Direitos Humanos, Cidadania e Políticas Públicas pela Universidade Federal da Paraíba no Programa de Pós-graduação em Direito Humanos. Docente da Faculdade Estácio Teresina.

<sup>2</sup> Mestranda em Direitos Humanos, Cidadania e Políticas Públicas pela Universidade Federal da Paraíba no Programa de Pós-graduação em Direito Humanos.

## INTRODUÇÃO:

Diante do cenário atual, marcado por ataques à democracia brasileira e à memória de Paulo Freire, é imprescindível retornar as reflexões a cerca desse educador, bem como o seu legado à educação brasileira, sobretudo no que se refere às suas contribuições advindas da proposta de educação libertadora, que busca a eliminação das opressões, através da tomada de consciência dos sujeitos oprimidos.

Com sua proposta inovadora de libertação do oprimido, a pedagogia apresentada por Freire, que se contrapõe ao modelo tradicional de educação, é uma afronta aos pensamentos das classes dominantes, que desejam a manutenção da dominação e opressão, e não a formação de uma consciência crítica. Sendo assim, Freire se tornou inimigo dos apoiadores da extrema direita conservadora. Em 2018, com a ascensão dessa extrema direita ao poder, os ataques à pedagogia freireana tem sido cada vez mais evidentes. Ainda no período eleitoral em 2018, Bolsonaro utilizou diversas referências ardilosas a respeito de Freire, a exemplo de uma entrevista concedida a Nando Moura, via Youtube, onde afirma que “pra mudar, primeiro você tem que mandar Paulo Freire para o espaço. Essa forma de educar não deu certo.”

E já eleito, utilizou termos pejorativos, tais como, “energúmeno” e “líder de esquerda”, para se referir a esse educador conhecido, respeitado e valorizado internacionalmente. Paulo Freire é um dos maiores intelectuais do Brasil, lido e estudado nas maiores universidades do mundo, então como uma personalidade tão importante assim, incomoda tanto a extrema direita?

Para Freire, o papel do professor não é a transferência de conhecimentos, seu papel é criar um ambiente favorável de aprendizagem, onde os alunos possam construir o conhecimento partindo da aplicação e contextualização do cenário em que estão inseridos. Então, ao trazer a ideia de que a “leitura de mundo, precede à leitura da palavra”, Freire aponta a necessidade de interligar o ensino com o contexto social, político e econômico, o que irá contribuir para o alcance da autonomia dos estudantes, gerando assim, incômodo à extrema direita que pretende manter os alunos sem visão de mundo e sem criticidade, perpetuando as

relações de dominação e poder. O pensamento crítico dos alunos provoca a reivindicação e a contribuição, através de ações, para o fim da opressão e mudança da situação em que estão inseridos. Nas palavras de Almeida e Silva (2021, p. 979):

Esta problematização -denominada por Freire como leitura de mundo -, articulada ao diálogo dos sujeitos com o seu meio e com eles próprios, mediatizados pelas situações existenciais, impulsionava à tomada de consciência de sua situação de opressão, culminando na organização para superá-la.

O posicionamento de Bolsonaro, com diversos ataques e ameaças à memória e legado de Paulo Freire, reflete sua intenção de retirar o título concedido em 2012 ao educador de Patrono da Educação Brasileira, afastar por completo sua influência na educação do país e arrastar mais adeptos a uma educação que refuta a consciência crítica dos alunos. Essa onda de ataques é conduzida pelos defensores de uma ideologia conservadora e antidemocrática que passaram a denegrir não apenas Paulo Freire, como também todos aqueles educadores que buscam seguir a pedagogia libertadora, nesse sentido Reis (2021, p. 243), relata:

Nos últimos anos, movimentos antidemocráticos pregaram perseguição a professores e professoras que propõem a seus alunos e alunas uma educação libertadora. Escolas privadas de elite foram acusadas de comunistas por promover ensino reflexivo, distante da educação bancária. Sistemas públicos foram atacados; e, desde o último ciclo eleitoral, as escolas militares e o ensino confessional passaram a ter apoio oficial, em detrimento de uma ideia mais avançada e republicana de ensino laico.

Atualmente, a principal arma para combater a Pedagogia Freireana é a defesa pela “Escola sem partido”, que de forma disfarçada propõe a manutenção do partido já em vigor. Uma escola sem partido não permite a diversidades de visões, e se preocupa com o fim do que denominam de “doutrinação ideológica” da esquerda, minando, assim, a possibilidade de desenvolvimento da criticidade pelos alunos. É, como nos lembra, Savani (2020, p.15):

[...] agir como se a educação fosse isenta de influência política é uma forma eficiente de colocá-la a serviço dos interesses dominantes. E é esse o sentido do programa “escola sem partido” que visa subtrair a escola do que seus adeptos entendem como “ideologias de esquerda”, colocando-a sob a influência da ideologia e dos partidos da direita, portanto, a serviço dos interesses dominantes.

A “Escola sem partido”, por ser também um projeto de lei, busca estabelecer os direitos e deveres dos professores, como meio de impossibilitar que eles transmitam suas experiências e visões de mundo. Sendo assim, esse tipo de projeto visa a imparcialidade ideológica ou a aplicação de uma mordada nos professores? Por isso que surgiram os defensores da “Escola sem mordada”, que permite que haja o pluralismo de ideias e concepções, antítese do modelo de “Escola sem partido”.

É nesse sentido o propósito desse trabalho: refletir na pedagogia de Freire e sua vida em favor dos oprimidos, pensando em como a releitura dessa pedagogia e o movimento da “Escola sem Mordada” pode constituir uma forma de gerar esperança diante de um cenário de ataques à memória de Paulo Freire e ameaças atuais refletidas no projeto da “Escola Sem Partido”.

## **A ATUALIDADE DE PAULO FREIRE E SUA PROPOSTA DE ESPERANÇA**

Paulo Freire nasceu em 19 de setembro de 1921, na cidade de Recife, Pernambuco. Em 1932, ele e sua família se mudam para a cidade vizinha, chamada de Jaboatão. Ao conseguir uma bolsa de estudos, Freire consegue finalizar o seu colegial na escola Osvaldo Cruz, em Recife. Como uma forma de demonstrar gratidão pela oportunidade concedida pela escola, em retribuição, Freire passa a ministrar aulas na mesma instituição. Essa primeira experiência como professor, foi vista com bons olhos pelos alunos, que se afeiçoaram ao seu método de ensino.

Em 1947, Freire se forma em Direito pela Universidade de Recife, porém, ao assumir a primeira ação judicial, e se apiedar pela parte contrária na ação, ele passou a ter a certeza de que seu desejo mesmo era ser educador. A partir disso, sua carreira na educação brasileira e defesa pela educação libertadora passou a avançar, e concomitantemente, a incomodar as classes dominantes. Por isso, em 1964, Freire foi acusado de subversão e preso por 72 dias, passando depois para exílio, iniciado no Chile.

No contexto de exílio foi que Paulo Freire escreveu a sua principal obra, “Pedagogia do Oprimido” (1969). A Pedagogia do Oprimido, então, tal como aponta

Reis (2021,p. 241) “tem suas raízes nas experiências de vida do autor.” Os temas por ele abordados na obra, passando pela justificativa da Pedagogia do Oprimido, a concepção bancária de educação, a dialogicidade e a ação antidialógica, advieram de suas experiências, que o levaram à reflexão e ação, com a educação popular e alfabetização de adultos, tanto no Brasil como no exílio. Após 15 anos de exílio, em 1980, Freire retorna ao Brasil, continuando a incomodar a direita brasileira.

Sua forma de viver, sempre demonstrou uma personalidade doce, amável, combinada a seu espírito forte e corajoso, preocupado com a situação dos “esfarrapados do mundo”, oprimidos e explorados pelo sistema dominante. Sua simplicidade e humildade foram características que o acompanharam por toda vida, mesmo sendo considerado um dos educadores mais relevantes do mundo. Nunca perdendo o espírito daquele menino que construiu “suas primeiras leituras a partir do chão de casa e do quintal rodeado por mangueiras”, como salienta Ferreira e Harmida (2021, p. 57).

O contexto em que a Pedagogia do Oprimido foi escrita retrata um período em que a educação em vigor era a educação bancária, a qual partia da ideia de que o conhecimento deveria ser depositado de forma mecânica nos alunos, como se fossem um recipiente vazio à espera de conhecimentos a serem depositados, sem espaço para um pensamento crítico. A educação bancária estimula a conduta do oprimido em permanecer em uma posição passiva, para que se adapte ao contexto em que está inserido.

Freire nos apresenta em sua obra uma antítese desse tipo de educação. Ele salienta a existência de diferentes saberes e experiências, e que não apenas os professores seriam os detentores de conhecimento. A pedagogia de Freire é aquela formada com o oprimido para alcançar a sua humanidade, o conhecimento é formado a partir de sua construção entre professor e aluno. Somente dessa forma é possível estabelecer a educação problematizadora, educação que visa emancipação dos alunos e sua formação cidadã. Nas palavras de Freire ( 1987, p. 27):

A pedagogia do oprimido, como pedagogia humanista e libertadora, terá, dois momentos distintos. O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se na práxis, com a sua transformação; o segundo, em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação.

A educação que problematiza possibilita a reflexão e percepção dos motivos pelos quais o oprimido se encontra em determinada situação, que, combinada à ação, formando a práxis, pode refletir no rompimento das estruturas de dominação, situação temida pelos detentores de poder, portanto, inimigos de Paulo Freire.

Em 1963, pouco tempo antes de Paulo Freire estar em exílio, ocorreu em Angicos, Rio Grande do Norte, uma das experiências mais conhecidas de alfabetização de adultos. Nessa situação, Freire alfabetizou mais de 300 adultos em um período de 40 horas, e em apenas 45 dias. No método de educação utilizado, os trabalhadores de Angicos foram alfabetizados através de palavras que remetiam ao seu ofício, que faziam parte do seu cotidiano. E utilizando essas palavras, Freire elaborava questionamentos, que se transformavam em diálogos, que possibilitavam a chegada à reflexão acerca das condições sociais de dominação a que estavam expostos. Essa reflexão partia do relacionamento dos saberes educacionais atreladas às suas práticas sociais e culturais. Conforme explica, Reis (2021, p. 67):

Essa forma de aprender a ler o mundo possibilita aos marginalizados enunciar a construção de suas palavras. Palavras que quando somada com a ação é significação produzida pela práxis, em outros termos, a consciência de si como pessoa que vive e produz a sua existência, a partir dos modos operantes do capital.

Esse método de aprendizagem possibilita, então, o alcance da autonomia dos alunos, levando a perceber que o contexto em que estão inseridos é fruto de uma naturalização e perpetuidade das relações de poder. Nas palavras de Carvalho e Barbosa (2011, p. 72): “assim, esse povo começava a construir sua resistência e emancipação a anos de dominação, através da assimilação de práticas educativas e sociais.” O pensamento crítico contribuiu para que esses trabalhadores passassem a reivindicar melhores condições sociais, situação que

ocorre com os alunos que podem ter a chance de ser submetidos a uma método de aprendizagem de Paulo Freire, que possibilite a práxis libertadora. Por isso, se perpetua o incômodo da direita brasileira, que pretende a manutenção do sistema de dominação. A perpetuação desse sistema está refletida atualmente na proposta do método da “Escola sem Partido”, sendo assim, passaremos a refletir como esse método é uma ameaça ao pensamento crítico dos alunos e manutenção do poder, e como o movimento da “Escola sem mordança” pode se apresentar como uma esperança à releitura da Pedagogia Libertadora de Freire.

### **A ESCOLA SEM MORDANÇA VERSUS A ESCOLA SEM PARTIDO**

Nos últimos 20 anos a pedagogia e o programa que orientou a educação pública brasileira foi na estrutura edificante da inclusão, participação, pluralidade, diversidade e inculturalidade, uma adesão e um consenso geral dos poderes constituídos, dos partidos políticos e da sociedade civil organizada para os aspectos da cultura, do diálogo e do progresso. Mas nos últimos cinco anos ocorreu uma movimentação dos microcenários e do Estado neoliberal, imperialista e capitalista brasileiro nos sucessivos ataques aos professores, corte de direitos, aprovação do teto de gastos do governo que congela o orçamento em duas áreas sensíveis do Estado, educação e saúde, a memória de Paulo Freire ultrajada e vilipendiada, o surgimento de ideólogos conservadores dissonantes desse tempo, sucessivas investidas de desmonte e retirada de direitos, tentativas de apagamento da memória como destacado acima e de violações aos Direitos Humanos. O Brasil enfrenta mais um golpe cívico-militar com o impeachment da presidenta Dilma Rousseff, reforma trabalhista, promoção permanente da cultura do ódio e de fak-news capitaneadas por dois presidentes Michel Temer e Bolsonaro.

Toda essa construção e ruptura com a democracia, o diálogo e o investimento na educação do Brasil encontra sentido na relação do poder tomar e tornar a escola pública em privada, ou seja, mingua o ensino público e os atores sociais construindo narrativas para que os espaços educacionais sejam privatizados.

A escola sem partido é um dos microcenários ideológicos para ilustrar, deformar e propor a privatização através do discurso de que a educação pública não responde os anseios da população, é ineficaz, está sucateada e aplica uma doutrinação esquerda- comunista.

A expressão “Escola sem partido” e “Escola de partido único” são sinônimos segundo Savini. Para Gadotti “A Escola Sem Partido é apenas mais uma tentativa de destruir a Escola Democrática, a Escola Cidadã, uma conquista da Constituição de 1988 e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996.” (2016 apud VASCONCELOS; BRANDÃO, 2018, p. 306).

A escola sem partido gera um discurso vazio, raso, misógeno e sem nenhum empirismo, método ou pedagogia, não discutindo e nem promovendo um debate sério capaz de solucionar as mazelas estruturantes da educação pública brasileira. Um sepulcro sem esperança, um projeto anêmico, esquizofrênico e idiotizante. Um complexo de entreguismo misturado com feitiço e condescendência para que os ricos fiquem cada vez mais ricos, usurpando dos pobres o que ainda eles possuem minimante, o direito a educação de qualidade, um processo integral de formação da pessoa humana-cidadã.

Para Paulo Freire (2019) chega a ser presumido esse pensamento e visão da realidade da classe dominante, pois para ele “seria uma atitude muito ingênua esperar que as classes dominantes desenvolvessem uma forma de educação que permitisse que às classes dominadas percebessem as injustiças sociais de forma crítica.”

A Frente Escola Sem Mordança contraponto a ideologia da escola sem partido mapeou mais de 200 projetos de censura à liberdade de cátedra apresentados nas câmaras legislativas do Brasil. Desde 2014, já foram apresentados segundo a Frente mais de 200 projetos nesse sentido, e mais de 20 projetos no Congresso Nacional, entre eles o Projeto que Institui o Programa Escola Sem Partido no ano de 2019, proposição da Deputada Federal Bia Kicis, projeto que não prosperou e que em seu primeiro artigo traz os princípios do programa, destaque para o inciso II, Art. 1º: neutralidade política, ideológica e religiosa do Estado. Tal artigo traz o entendimento dos “literários” da escola sem

partido como se para a construção do homem médio pudesse ser anulado, neutralizado, as suas vivências e experiências que o forjaram na vida. (

Justifica a proposta do projeto de lei o absurdo e inimaginável “que professores e autores de livros didáticos vêm-se utilizando de suas aulas e de suas obras para tentar obter a adesão dos estudantes a determinadas correntes políticas e ideológicas, bem como para fazer com que eles adotem padrões de julgamento e de conduta moral, especialmente moral sexual, incompatíveis com os que lhes são ensinados por seus pais ou responsáveis.”

Tal justificativa fere os direitos sensíveis na construção de uma sociedade democrática, plural de opiniões, no exercício da cátedra de ensino e no labor de se expressar.

Além do PL 2019 da Deputada bolsonarista Bia Kicis, uma das incentivadoras do ódio ao patrono da educação brasileira Paulo Freire, há outros projetos de lei: PL 5487/2016 foi apensado ao PL 1859/2015, que, por sua vez, foi, junto com os PLs 7181/2014 e 867/2015, apensado ao PL 7180/2014 formando, portanto, um grupo de cinco projetos agregados.

O grupo ideológico que apoia e se insurge na elaboração desses projetos de leis são todos ligados a entidades religiosas cristãs evangélicas e a ala dos conservadores da Igreja Católica, bolsonaristas e deputados promotores dessa política que substitui livros por armas, promovendo diariamente um discurso dissimulado, sem nenhum empirismo, método ou pedagogia. Não sabem quem critica, o que critica e como critica, embasado no que, vinculado a quem, apenas uma finalidade, a de fomentar um discurso contra o aparelho estatal para que se privatize, desmonte, destitua-o como garantidor de um ensinopúblico.

Diante disso vemos nitidamente ensaios de trazer para o ambiente educacional políticas que acabam com o ensino da filosofia, da sociologia e de discussões tão necessárias para a construção de uma sociedade mais humana e plural. Reflexos desses ensaios é a nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que inverte a pedagogia e não forma integralmente a pessoa, que para Paulo Freire essa pessoa continuará subjugada, refém dos setores dominantes, “esfarrapados do mundo”, os que estão a margem, que se encontram na miséria,

no sofrimento, na angustia, na negação dos direitos, sem nome, diversos rostos machucados e feridos: índios, prostitutas, moradores de rua, população LGBTQI+, negros, jovens, mulheres, idosos, crianças. Uma sociedade que nega o direito a educação pública de qualidade, sem mordação, que dialoga e se compromete com as experiências do eu, que constrói o ser mais.

Para as elites dominadoras, esta rebeldia, que é ameaça a elas, tem o seu remédio em mais dominação – na repressão feita em nome, inclusive, da liberdade e no estabelecimento da ordem e da paz social. Paz social que, no fundo, não é outra senão a paz privada dos dominadores (FREIRE, 1987, p. 92).

Esse é o desejo permanente das elites, o discurso fundamentado na paz privada, na solução de todas as mazelas e deficiências pela propriedade privada, pelo empresariado, pela estrutura burguesa decadente e radicalmente conservadora.

## CONCLUSÃO

“O processo de alfabetização política é conscientização, que, por sua vez, é denúncia acompanhada de anúncio, inéditos viáveis, futuros possíveis, mediante a práxis dos sujeitos. Para Freire, a práxis pode ser entendida como reflexão e ação dos homens e mulheres sobre o mundo para transformá-lo. Sem ela, é impossível a superação da contradição opressor-oprimido. Então, a educação, no sentido freiriano, é dialógica, consciente, intencionada, portanto, crítica, e visa à colaboração, união, organização e síntese cultural. (p.6)

Na contra mão de todo o discurso caído do extremismo e do conservadorismo e tantos ismos provocados por um grupo minoritário de ideólogos, Paulo Freire propõe as saídas mais humanas, simples, concretas e possíveis para a libertação do homem dessa estrutura dominante, a educação como base, e as experiências e vivências do homem e da mulher e de suas condições biopisco-social, religiosa e economia para entender o eu, o outro e a sua comunidade. Uma busca incessante por uma pedagogia que liberta, que dialogue, que uma e que organize as estruturas sociopolíticas e culturais.

Mesmo diante de tanta cultura de ódio e violência, aqueles que criticam

Freire e o colocam numa postura do grande culpado pelas mazelas estruturantes da educação brasileira, faz com que esse ator seja cada vez mais estudado, conhecido e admirado, principalmente nesse tempo em que celebramos o centenário de seu nascimento.

Freire nasce para a escola dos oprimidos como uma pedagogia de esperança e de autonomia. Vem ser luz diante do negacionismo e do conservadorismo.

Em Angico é lançado sobre o mundo um macro cenário de progresso e desenvolvimento, um salto na formação integral humana.

Assim, esse artigo, tenta ensaiar junto com os esfarrapados do mundo, fochos de esperança e de diálogo. Setas do conhecimento e da paz. Artífices que rememora o passado, vive o presente e lança um olhar para o futuro – que a educação brasileira seja inteiramente pública, inculturada, diversa, plural, inclusiva e plenamente humana.

### Referências

ALMEIDA, João Paulo Guerreiro de; SILVA, Severino Bezerra da. **Pedagogia do Oprimido 50 Anos Depois: A Atualidade de Paulo Freire**. Inter-Ação, Goiânia, v.46, n.ed.especial, set. 2021.

ANTUNES, A B. ; GADOTTI, M.; PADILHA. P.B. **Três categorias que marcaram a Pedagogia do Oprimido**. Educação em perspectiva, Brasil, v.9, n3, set/dez 2018.

CARVALHO, Maria Elizete Guimarães; BARBOSA, Maria das Graças da Cruz. **Memórias da Educação: A alfabetização de Jovens e Adultos em 40 horas** (Angicos/RN, 1963). Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.43, set. 2011.

CÂMARA DOS DEPUTADOS DO BRASIL. Disponível em: [https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop\\_mostrarintegra?codteor=1707037](https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1707037). Acesso dia 13 de julho de 2021.

**LEVANTAMENTO APONTA MAIS DE 200 PROJETOS DE LEI PELO PAÍS QUE CENSURAM LIBERDADE DE ENSINAR E APRENDER**. Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior. Disponível em: <https://www.andes.org.br/conteudos/noticia/levantamento-aponta-mais-de-200-projetos-de-lei-pelo-pais-que-censuram-liberdade-de-ensinar-e-aprender1>. Acesso

dia 14 de julho de 2022

FERREIRA, Rafael de Farias; HERMIDA, Jorge Fernando. **Da autonomia ao aprisionamento:** A faceta conservadora e os ataques ao patrono da educação brasileira..Revista Teias. v. 22, nº 67, out/dez., 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

REIS, Sônia Maria Alves Oliveira. **Paulo Freire: 100 anos de Práxis Libertadora.**Revista Práxis Educacional. v. 17, nº 47, ago., 2021.

SAVIANI, Dermeval. **Políticas educacionais em tempos de golpe:** retrocessos e formas de resistência. Roteiro, v. 45, jun. 2020.